

PARTICIPAÇÃO DOS ACADÊMICOS DA CIDADE DE ANÁPOLIS-GO EM ATIVIDADES NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

Núbia Carla de Souza Silva¹

Adda Daniela Lima Figueiredo²

Pôster – Didática, Práticas de Ensino e Estágio

RESUMO

A extensão universitária em conjunto com o ensino e a pesquisa formam os alicerces de uma universidade, sendo que, a interação entre estas áreas torna possível o intercâmbio de conhecimento entre a universidade e a comunidade. Assim sendo, os objetivos deste estudo foram analisar o perfil dos acadêmicos envolvidos nos projetos extensionistas Núcleo Casa Brasil e Ciência Móvel, assim como, os motivos que os levaram a participar destas atividades. Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizado o método qualitativo e como instrumento para coleta de dados optou-se pelo uso de questionários. Entre os 31 convidados a participarem deste estudo, apenas 11 responderam o questionário. Destes 64% eram do sexo masculino e 36 % do sexo feminino, com idade média de 22 anos. Percebeu-se maior participação de acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás (64%), do que das demais Instituições de Ensino Superior privada de Anápolis. 64% dos pesquisados cumpriram a carga horária de 30h semanais no período vespertino. Sobre como conseguiram se vincular a estes projetos, 54% responderam ter entrado por vínculo da sua IES com a Prefeitura Municipal de Anápolis, 23% entraram por indicação e 23% por iniciativa própria. Os principais motivos para terem participado da ação extensionista foram devido a sua importância para o currículo (30%), para se integrar da realidade da extensão universitária (26%), para ajudar os beneficiados desta ação (22%) e por causa da remuneração (22%). Percebemos que os objetivos propostos pelas atividades extensionistas é de conhecimento dos envolvidos e que acreditam resultar em aproximação da comunidade atendida.

Palavras-chave: Extensão, Casa Brasil, Ciência Móvel.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária em conjunto com o ensino e a pesquisa formam os alicerces de uma universidade. A interação entre estas áreas torna possível o intercambio de conhecimento da universidade com a comunidade. Dessa forma, além de permitir a formação de uma visão mais completa do social, a extensão facilita a integração entre a teoria e a prática de forma interdisciplinar (SOUZA et al., 2007).

Para Silva e Rosa (2011), a participação em ações extensionistas é fundamental na construção dos saberes docentes, visto que, contribuirá na formação de pessoas conectadas com o mundo real e com visão mais voltada para o social. Nesta perspectiva extensionista a modalidade de educação não formal é muito comum, sendo ela destinada a toda comunidade.

¹. Graduanda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista PVIC-UEG. nubiacarlas2@hotmail.com

². Doutoranda em Educação - PUCGO. Professora UEG (UnUCET) e PUC-GO. Bolsista FAPEG. addadani@hotmail.com

O Núcleo Casa Brasil e Ciência Móvel são projetos coordenados pela Secretaria Municipal de Ciência Tecnologia e Inovação de Anápolis estes são espaços voltados a atividades comunitárias. O Núcleo Casa Brasil, é um projeto do governo federal cujo objetivo é a disseminação do conhecimento a partir de atividades culturais, científicas e tecnológicas. O projeto Ciência Móvel conta com um veículo que possui um laboratório onde são desenvolvidas dinâmicas e oficinas com o intuito de estimular os estudos de matemática e demais ciências. Este veículo é levado às escolas e eventos sociais para que possam ser explorados pelos envolvidos.

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi analisar o perfil e a formação dos acadêmicos envolvidos nos projetos Núcleo Casa Brasil e Ciência Móvel, assim como, os motivos que os levaram a participar destas atividades.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizado o método qualitativo, tendo como instrumento de dados o questionários. Inicialmente foi estabelecido contato com a Secretaria Municipal de Ciência Tecnologia e Inovação de Anápolis (SMCT&I), que coordena os projetos Núcleo Casa Brasil e Ciência Móvel, para solicitar aos responsáveis o nome e contato de todos envolvidos nestas atividades, bem como apresentar o projeto.

Ademais, partiu-se para elaboração dos questionários que tiveram 12 perguntas estruturadas com questões abertas, fechadas e de múltipla escolha. Estes foram validados por três professores e três acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Ao finalizar esta etapa, o questionário foi confeccionado e enviado a todos os envolvidos por email, a partir da plataforma Google Docs, e enviado para resposta em até 30 dias. O nome dos participantes foi mantido em sigilo. Após um mês que os emails haviam sido enviados partiu-se para a tabulação e análise dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A planilha de envolvidos disponibilizada pela SMCT&I de Anápolis continha 31 nomes de estágio. Destes, 11 responderam o questionário. Entretanto, deve-se levar em consideração que muitos haviam mudado o contato e isso dificultou a sua localização. Entre a amostra analisada 64% eram do sexo masculino e 36% do sexo feminino. A média de idade dos participantes foi de 22 anos.

¹. Graduanda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista PVIC-UEG. nubiacarlas2@hotmail.com

². Doutoranda em Educação - PUCGO. Professora UEG (UnUCET) e PUC-GO. Bolsista FAPEG. addadani@hotmail.com

Quando questionados sobre qual Instituição de Ensino Superior (IES) em que cursaram ou cursam sua graduação, 9% disseram ser na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC - GO), 64% na Universidade Estadual de Goiás (UEG), 9% na UniEvangélica Centro Universitário de Anápolis e 18% na Faculdade Anhanguera de Anápolis. Esses dados mostram a maior representatividade da Universidade Estadual de Goiás nos projetos sociais Núcleo Casa Brasil e Ciência Móvel.

Sobre a carga horária semanal de dedicação às atividades extensionistas, 9% disseram cumprir 15h, 27% responderam 20h e 64% dos participantes disseram cumprir 30h semanais. Destes 64% dos acadêmicos realizavam suas atividades no período vespertino, os demais afirmaram ir, no período matutino (9%), matutino e vespertino (9%), noturno (9%) e 9% realizavam suas atividades no momento em que não tinham aula.

A quarta pergunta foi sobre o que eles entendem por extensão universitária. Entre os 11 participantes apenas dois não souberam responder esta questão. De maneira geral respostas foram *“Projetos realizados com o objetivo de contribuir de alguma forma para o avanço do conhecimento e a melhoria das condições educacionais, sociais e culturais da sociedade em geral, a partir do que é aprendido na universidade.”* Pode-se perceber que no geral eles possuem os princípios da atividade extensionista.

Posteriormente, foi perguntado quais os objetivos dos projetos Ciência Móvel e Núcleo Casa Brasil e as respostas foram: auxiliar a comunidade atendida, realizar a inclusão digital, despertar o interesse pela ciência, trabalhar com o condicionamento de computadores. *“Aproximar a comunidade da área científica através das atividades lúdicas e despertar nos alunos um maior interesse para os estudos.”* – resposta do terceiro participante. Sobre qual projeto eles participaram, 42% disseram ter sido do Núcleo Casa Brasil, 33% do Ciência Móvel e 25% de outros trabalhos.

Os acadêmicos envolvidos nestes projetos permaneceram em média oito meses realizando atividades voltadas para comunidade. Ao serem indagados sobre como conseguiram se vincular a estes projetos coordenados pela SMCT&I de Anápolis, 54% responderam ter entrado por vínculo da sua Instituição de Ensino Superior com a Prefeitura Municipal de Anápolis, 23% entraram por indicação e 23% por iniciativa própria.

Estes resultados nos levam a perceber que ainda há muito espaço para que as Universidades construam vínculos com outras instituições e empresas. No que se refere a SMCT&I de Anápolis 46% das pessoas que participaram das atividades sociais não foram por intermédio das Instituições de Ensino Superior. Suzigan e Albuquerque (2008) abordam em

¹. Graduanda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista PVIC-UEG. nubiacarlas2@hotmail.com

². Doutoranda em Educação - PUCGO. Professora UEG (UnUCET) e PUC-GO. Bolsista FAPEG. addadani@hotmail.com

seus estudos as grandes contribuições que estas parcerias podem agregar para universidade, instituições vinculadas e conseqüentemente aos acadêmicos envolvidos.

Sobre os motivos que impulsionaram os envolvidos a participarem da extensão universitária, 30% disseram ter sido pela importância para o currículo, 26% porque almejavam se integrar da realidade da extensão universitária, 22% para ajudar os beneficiados pela ação e 22% entraram por causa da remuneração. Silva (2011) apresenta em seus estudos que o fator primordial para os alunos se envolverem em projetos de extensão é devido a experiência que eles podem adquirir nestes trabalhos.

A partir da realização de atividades voltadas a prática profissional, os acadêmicos podem garantir um melhor preparo colocando em exercício o seu conhecimento teórico. Dessa forma, a extensão universitária desempenha uma função de preparar os estudantes para a vida profissional (SILVA, 2011). Tendo em vista a importância de tais atividades no processo de formação acadêmica é que estes projetos devem ser mais divulgados e difundidos dentro da Universidade. Isso porque, muitos acadêmicos acabam passando pela universidade sem saber ao certo o que é a extensão universitária.

No que se refere ao processo de aperfeiçoamento dos discentes envolvidos nos projetos Casa Brasil e Ciência móvel, 55% disseram não ter recebido nenhum curso ou orientação para desenvolverem suas atividades, 36% receberam orientação de professores envolvidos e apenas 9% alegou ter participado de algum curso pela SMCT&I ou outra instituição. Portanto, pode-se observar que grande parte dos envolvidos, utilizam como base para realizarem suas atividades apenas os conhecimentos adquiridos durante a sua fase de formação. Silva (2011) verificou que, na maioria das vezes, os extensionistas colocam em prática apenas os conteúdos adquiridos na universidade.

Assim, ao serem questionados sobre as fontes de pesquisa para elaboração dos seus planos de trabalho, 29% disseram utilizar artigos científicos, 29% recorriam aos livros, 25% preferiam sites de instituições de pesquisa (IBAMA, IBGE, INEP, Portal do Professor, dentre outros), 13% Wikipédia e 4% alegaram ter outras fontes de pesquisa. Já com relação as áreas do conhecimento em que, os entrevistados desenvolveram suas atividades foram 38% informática/tecnológica, 15% química, 8% educação ambiental, 8% ensino de ciências/biologia e 31% responderam terem atuado em outras áreas.

A partir destes resultados, é notável que a Internet é utilizada como a principal fonte de pesquisa entre os acadêmicos. Sabe-se que desde o advento da Internet a quantidade de conteúdos disponíveis teve um crescimento muito grande e este se tornou uma das principais

¹. Graduanda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista PVIC-UEG. nubiacarlas2@hotmail.com

². Doutoranda em Educação - PUCGO. Professora UEG (UnUCET) e PUC-GO. Bolsista FAPEG. addadani@hotmail.com

ferramentas de pesquisa (FERRASI et al., 2009). Contudo é necessário tomar cuidado com a confiabilidade dos conteúdos a serem utilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pode-se observar que participantes da pesquisa possuem um bom conhecimento sobre as atividades extensionistas, seus objetivos e importância. Entretanto, é notável que estas atividades devam ser mais divulgadas e estimuladas dentro da Universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás e ao Programa Voluntário de Iniciação Científica UEG.

REFERÊNCIAS

FERRASI, A. C. et al. O uso da internet como fonte de pesquisa entre universitários: um estudo de caso. In.: **XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. Vale do Paraíba: Universidade do Vale do Paraíba, 2009. p. 1 – 6.

SILVA, A. R. da. **A contribuição da extensão na formação do estudante universitário**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília. 2011.

SILVA, R. F.; ROSA, M. M. C. S. Extensão universitária no currículo das licenciaturas: inovação e relação de sentido. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 371-380, 2011.

SOUZA, A. C. et al. A Extensão Universitária no Processo de Educação e Saúde: Um Estudo de Caso. **Extensio - Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 4, n. 5, dez. 2007. Disponível em: < <http://www.journal.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/5727/5285>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

SUZIGAN, W.; ALBUQUERQUE, E. da M. **A interação entre universidades e empresas em perspectiva histórica no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008.

¹. Graduanda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista PVIC-UEG. nubiacarlas2@hotmail.com

². Doutoranda em Educação - PUCGO. Professora UEG (UnUCET) e PUC-GO. Bolsista FAPEG. addadani@hotmail.com